

História da Educação Musical no Brasil: reflexões sobre a primeira edição do GT 1.3 – XXII Congresso da ABEM (2015)

HISTORY OF MUSIC EDUCATION IN BRAZIL: REFLECTIONS ON THE FIRST EDITION OF THE WORKING GROUP 1.3 (WG 1.3) – XXII CONGRESS OF ABEM (2015)

INÊS DE ALMEIDA ROCHA Colégio Pedro II/Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO ► ines.rocha2006@hotmail.com

GILBERTO VIEIRA GARCIA Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ ► gilbertovieiramusica@gmail.com

resumo

Este ensaio tem como objetivo fazer algumas reflexões a partir dos trabalhos apresentados na primeira edição do GT 1.3 (História da Educação Musical), ocorrido durante o XXII Congresso da Associação Brasileira de Educação Musical, visando a compreender-se em que medida os textos submetidos e aprovados no âmbito desse GT configuram-se como trabalhos historiográficos. Para tanto, examinam-se as características de tais textos, suas temáticas e objetos privilegiados, também suas fontes de pesquisas e acervos investigados, assim como suas metodologias e teorias da história empregadas, além dos autores citados, procurando refletir-se, então, sobre as lacunas e os aspectos consolidados, identificados no referido grupo de trabalho. Autores como Le Goff (1992), Palti (2007), Petrucci (2003), Xavier e Carvalho (2013), Certeau (1982), Revel (2010), Souza (2014) e Queiroz (2012) fundamentam a análise sobre as concepções e as práticas historiográficas, bem como sobre o lugar que a abordagem histórica vem ocupando nas pesquisas em Educação Musical, especificamente, naquelas apresentadas no GT 1.3.

PALAVRAS-CHAVE: história da educação musical, educação musical, história da educação.

abstract

This paper has the objective of reflecting on the papers presented at the first edition of the WG 1.3 (History of Music Education), held during the XXII Congresso da Associação Brasileira de Educação Musical, aiming to understand to what extent the papers registered and selected within the scope of this WG are characterized as historiographical studies. In order to do so, the features of these texts, their themes and privileged objects, their sources of research and investigated collection, also their methodologies and the theories of history adopted, as well as the authors cited in them, are examined, and their gaps and consolidated aspects, identified in the already mentioned working group, are, thus, reflected upon. Authors such as Le Goff (1992), Palti (2007), Petrucci (2003), Xavier & Carvalho (2013), Certeau (1982), Revel (2010), Souza (2014) and Queiroz (2012) underlie the analysis of the historiographical

conceptions and practices, as well as of the role that the historical approach has been assuming in studies on Music Education, specifically in those presented at the WG 1.3.

KEYWORDS: history of music education, music education, history of education.

Introdução

Reflexões e abordagens historiográficas sempre estiveram presentes nas conferências e comunicações de pesquisa dos encontros acadêmicos organizados pela Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM) e em suas publicações, desde sua fundação em 1991. No primeiro volume da Revista da ABEM, podem ser observados, em diversos textos, diferentes elementos que caracterizam estudos com enfoque histórico. Foram necessários, contudo, mais de vinte anos para que fosse reservado um espaço específico de registro e debates com dinâmicas que um Grupo de Trabalho possa oferecer em um encontro acadêmico.

Na Assembleia Geral Ordinária da ABEM realizada durante seu congresso anual, em 2011, na cidade de Vitória-ES, foi solicitada a criação de um novo Grupo de Trabalho (GT) com temática específica sobre História da Educação Musical. Porém, apenas durante o XXII Congresso Nacional da ABEM, na cidade de Natal-RN, em 2015, é que aconteceram, efetivamente, as primeiras sessões do GT 1.3 – Grupo de Trabalho História da Educação Musical, como um dos três subtemas do eixo temático *Dimensões investigativas, epistemológicas e históricas da educação musical*.

Para compreender melhor o que representa a criação do GT 1.3, há que se considerar a organização das apresentações de trabalhos que acontecem nos congressos nacionais e regionais da referida associação. Ao longo de mais de duas décadas de existência os congressos da ABEM vêm oferecendo espaço para a exposição de trabalhos em diferentes modalidades e temáticas. As sessões de comunicações de pesquisa e relatos de experiências tiveram diferentes formas de organização até se consolidarem em GTs que se estruturam nos seguintes eixos e subtemas:

EIXOS TEMÁTICOS	SUBTEMAS
GT 1 - Dimensões investigativas, epistemológicas e históricas da educação musical	GT 1.1 - Pesquisa em educação musical
	GT 1.2 - Epistemologia da educação musical
	GT 1.3 - História da educação musical
GT 2 - Educação musical em contextos formais de ensino	GT 2.1 - Ensino e aprendizagem de música nas escolas de educação básica
	GT 2.2 - Ensino e aprendizagem de música em escolas especializadas de música
	GT 2.3 - Ensino e aprendizagem de música no ensino superior
GT 3 - Espaços diversos temáticos emergentes em educação musical	GT 3.1 - Ensino aprendizagem de música em contextos sociomusicais não formais e informais
	GT 3.2 - Educação musical a distância e recursos tecnológicos para o ensino e aprendizagem da música
	GT 3.3 - Educação musical e inclusão social
GT 4 - Formação do educador musical	GT 4.1 - Experiência e ações educativo-musicais em cursos de formação de professores
	GT 4.2 - Formação inicial e continuada
	GT 4.3 - Formação emergencial e/ou alternativa

Fonte: Anais do XXII Congresso Nacional da ABEM, 2015

QUADRO 1

Organização dos Grupos de Trabalho

É importante frisar também que esses GTs acontecem em encontros de caráter acadêmico, mas que também atendem a uma demanda de formação continuada do professorado. A programação inclui minicursos os quais, em cerca de 90%, têm como objetivo oferecer opções metodológicas que subsidiem a atuação profissional docente, em diferentes níveis e contextos de processos de ensino e aprendizagem. Não se trata, portanto, de um encontro exclusivamente voltado para pesquisas científicas e divulgação de conhecimento produzido em cursos de pós-graduação e por ações investigativas. A categoria *Relato de Experiência* é uma evidência forte dessa característica dos encontros. Nesse tipo de trabalho, os autores descrevem uma experiência em suas classes, tecendo considerações a seu respeito, procurando compreendê-la a partir de algum embasamento teórico. Essa categoria reúne informações, que, se, por um lado, podem ser questionadas segundo critérios de grande rigor científico, por outro, possibilitam evidenciar questões relevantes para serem consideradas nos referidos encontros, junto às demandas da área de Educação Musical. Diante disso, os GTs constituem-se, então, como um espaço que acolhe e promove diversos debates e trocas, visando a qualificar a produção de conhecimento, mesmo aquela que seja gerada sem os critérios e os propósitos de uma pesquisa científica rigorosa.

A partir desse quadro geral, podemos voltar nosso olhar para os trabalhos apresentados na primeira edição do GT 1.3, analisando os temas privilegiados, os objetos de estudo, os problemas destacados, as fontes e os acervos utilizados, as periodizações adotadas, os aspectos metodológicos das pesquisas e as suas respectivas abordagens historiográficas. Para além de observar em que aspectos esses trabalhos evidenciam a consolidação de uma História da Educação Musical no Brasil, buscamos desvendar também as lacunas que esses trabalhos apresentam. Tais lacunas deverão ser preenchidas por outras pesquisas ou abordagens, visando a contribuir com o desenvolvimento dessa área de estudos.

Cabe ressaltar que a escolha por uma perspectiva histórica gera, também, possibilidades distintas do fazer historiográfico. Esse fazer é tão múltiplo quanto são múltiplas as Histórias. Assim, ao observar esses trabalhos, pensaremos sobre como os autores apropriam-se das ferramentas, limitações e possibilidades que a História oferece-nos, diante das especificidades dessa área de estudos no Brasil. Em termos gerais, como ressaltam Xavier e Carvalho (2013):

Quando falamos de usos da história, estamos nos referindo à aplicação do manancial de conhecimentos que esta área possibilita à atuação dos 'educadores' ou dos 'especialistas da educação'. Queremos com isso lembrar que o campo de atuação profissional da educação contém uma dimensão prática e política que o constitui e que nos lembra que também é extremamente relevante que as atividades de pesquisa não se afastem em demasia dessa dimensão, que identifica o campo da educação com um projeto de sociedade justa e solidária. (Xavier; Carvalho, 2013, p. 103-104)

Aceitando a proposição dos autores, voltamo-nos para os textos procurando compreendê-los a partir de diversas chaves de leitura, tendo em vista as possíveis intercessões entre a História, a Educação e a Educação Musical, bem como as particularidades e os compromissos de cada um desses campos. As mencionadas chaves de leitura nos fornecem instrumentos para refletirmos, de maneira ampla, sobre os legados, os desafios e as perspectivas da Educação Musical no Brasil. Tal olhar ainda nos possibilita pensar, em termos específicos,

sobre a importância que a apreciação crítica do passado, proposto pela História, pode exercer no desenvolvimento das próprias práticas de ensino e de aprendizagem musicais, sobretudo, em um país com tamanha diversidade sociocultural.

Caracterizando os textos aprovados no GT 1.3

No primeiro ano, foi apresentado um total de 13 trabalhos, sendo todos na categoria comunicação e nenhum pôster ou simpósio¹. Dessa totalidade, somente três trouxeram resultados finais de suas pesquisas. Tendo em vista esse ser um critério relevante para a avaliação dos pesquisadores e dos programas de pós-graduação por órgãos de fomento à pesquisa, tais dados levam-nos a pensar que a primeira edição do GT 1.3 pareceu pouco atraente, como espaço privilegiado para divulgação de resultados finais de pesquisas afins.

Para melhor compreender as relações entre o GT – História da Educação Musical e os demais GTs do mesmo congresso, observemos o quadro quantitativo abaixo, pois, ele oferece-nos dados relevantes para desenvolver algumas reflexões.

EIXOS TEMÁTICOS	SUBTEMAS	N. DE TRABALHOS
GT 1 - Dimensões investigativas, epistemológicas e históricas da educação musical Total: 73 trabalhos	GT 1.1 - Pesquisa em educação musical	49 comunicações / 3 pôsteres / 2 simpósios
	GT 1.2 - Epistemologia da educação musical	6 comunicações / 0 pôsteres / 0 simpósios
	GT 1.3 - História da educação musical	13 comunicações / 0 pôster / 0 simpósio
GT 2 - Educação musical em contextos formais de ensino Total: 102 trabalhos	GT 2.1 - Ensino e aprendizagem de música nas escolas de educação básica	17 comunicações / 6 pôsteres / 0 simpósio
	GT 2.2 - Ensino e aprendizagem de música em escolas especializadas de música	15 comunicações / 0 pôster / 0 simpósio
	GT 2.3 - Ensino e aprendizagem de música no ensino superior	34 comunicações / 2 pôsteres / 2 simpósios
GT 3 - Espaços diversos temáticos emergentes em educação musical Total: 58 trabalhos	GT 3.1 - Ensino aprendizagem de música em contextos sociomusicais não formais e informais	32 comunicações / 1 pôster / 1 simpósio
	GT 3.2 - Educação musical a distância e recursos tecnológicos para o ensino e aprendizagem da música	7 comunicações / 1 pôster / 0 simpósio
	GT 3.3 - Educação musical e inclusão social	13 comunicações / 3 pôsteres / 0 simpósio
GT 4 - Formação do educador musical Total: 41 trabalhos	GT 4.1 - Experiência e ações educativo-musicais em cursos de formação de professores	13 comunicações / 4 pôsteres / 1 simpósio
	GT 4.2 - Formação inicial e continuada	23 comunicações / 0 pôsteres / 0 simpósio
	GT 4.3 - Formação emergencial e/ou alternativa	00 comunicações / 0 pôsteres / 0 simpósio

Fonte: Caderno da Programação Geral do XXII Congresso Nacional da ABEM, 2015

QUADRO 2

Quantitativo de trabalhos aprovados em 2015 em cada GT

1. É necessário frisar que os 13 textos contabilizados no GT 1.3 foram acessados através dos Anais publicados no site da ABEM, no dia 01/04/2016, pelo link: <http://abemeducacaomusical.com.br/conferencias/index.php/xxiicongresso/xxiicongresso/schedConf/presentations>.

Sendo o primeiro congresso em que o GT 1.3 figura, considerando o total de 248 trabalhos apresentados entre os 12 GTs, o quantitativo de 13 não é o menos significativo, pois, três outros GTs tiveram quantitativos menores, e outros três somaram números bem próximos, com 15, 16 e 18 trabalhos. Porém, apesar de esse número parecer expressivo para uma primeira edição do GT, esse quantitativo não deve ser compreendido como sendo representativo de trabalhos estritamente historiográficos, já que boa parte provém de pesquisas com interesses diversos, que se valeram da história apenas como recurso subsidiário e de contextualização de seus objetos de pesquisa.

Assim, a partir desse quadro, verifica-se que existem GTs com grande concentração de trabalhos diante de outros que têm um número relativo destes bastante reduzido, dentre os quais, enquadra-se o GT 1.3. Tal constatação propicia levantar-se, como hipótese, que o campo da Educação Musical, em certa medida, quando comparado com outros tipos de estudos, desperta pouco interesse no que se refere a seus estudos históricos. Tal proposição faz-nos supor que os pesquisadores ainda não consideram importante o conhecimento de seu passado e as reflexões críticas sobre sua própria história.

Essas hipóteses, contudo, podem ser, ainda, melhor elaboradas ao se considerar a possibilidade de terem sido apresentadas, em outros GTs do mesmo congresso, comunicações que possam ter se utilizado das pesquisas históricas, haja vista os interesses dos autores em discutir outros aspectos priorizados nos demais grupos. Para se confirmar essa ideia, seria necessário, entretanto, examinar todos os trabalhos apresentados para constatar se os autores de estudos históricos optaram por apresentar e debater os resultados de suas pesquisas sobre História da Educação Musical no âmbito de outros GTs.

A maioria dos trabalhos apresentados constitui parte de pesquisas em curso. Esse é um dado relevante, pois, ao mesmo tempo em que contribui para a qualificação desse conjunto, permite reafirmar o potencial dos GTs como um espaço de produção e troca de conhecimentos, voltado para o desenvolvimento das pesquisas. Nessa perspectiva de análise, é importante destacar, também, a identificação de três trabalhos de graduação e cinco de pós-graduação, sendo quatro de mestrado e um de doutorado e que nenhum trabalho foi identificado como sendo de pesquisador profissional ou autônomo. Eis um dado que, em princípio, pode ser também relevante para se refletir sobre a qualidade dos trabalhos apresentados, de acordo com as expectativas e as demandas associadas a cada um desses níveis e aos interesses específicos do GT 1.3. Cabe ressaltar ainda que, de acordo com a chamada para esse congresso, havia a possibilidade de serem apresentados trabalhos sobre projetos de pesquisa, pesquisas em andamento, pesquisas concluídas e relatos de experiência. Essa recomendação foi desconsiderada por alguns autores que não identificaram, em seus textos, em qual dessas tipologias seus trabalhos se enquadravam, muito embora possam ser localizadas nesses algumas pistas para caracterizá-los.

Encontramos aí um quadro bastante rico e amplo, no que se refere aos objetos e temas de pesquisa. Ele é composto por trabalhos que versam sobre *sujeitos*, como Martinho Lutero, Leopoldo Miguez e alguns professores de música do Piauí e de Brasília; sobre *instituições escolares*, como o Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro; sobre *legislação e formação dos*

docentes em música; sobre *currículo escolar*, do próprio Colégio Pedro II e de algumas escolas de Fortaleza, Ceará e Piauí; sobre *educação não escolar*, centrada na presença da música nos movimentos operários de São Paulo; sobre *práticas sociais como atividades educacionais*, analisadas a partir das práticas pianísticas em Uberlândia, Minas Gerais; sobre *prática coral* e a história da educação musical no Brasil; sobre *pesquisa documental*, centrada no Museu de Educação de Brasília; e sobre *teoria e metodologia* da História e da História da Educação e a sua importância para a área de estudos em foco.

Para tentar dar conta desses objetos e temas de pesquisa, como fontes documentais, os autores utilizaram periódicos, currículos escolares, legislação educacional e depoimentos gravados. Foram identificadas, também, discussões que tomaram teorias e metodologias como base central, sendo notada, ainda, a presença marcante das revisões bibliográficas – condizendo, em certa medida, com a predominância de pesquisas em estágios iniciais. Para além desse quadro com tipos de fontes relativamente variadas, um fator que nos chama a atenção diz respeito ao tratamento desse material e à densidade das análises. De maneira geral, o que se percebeu nessa amostra é que prevalecem as abordagens descritivas nas quais a problematização das fontes não fica evidente ou, ainda, não sofre um tratamento crítico pertinente, diante dos objetivos científicos dos trabalhos e de suas questões de pesquisa.

Reflexões sobre o fazer historiográfico dos textos

Michel de Certeau (1982), quando apresentou as indagações sobre “O que fabrica o historiador quando ‘faz história’? Para quem trabalha? O que produz?”, chama a atenção para o fazer historiográfico, questionando a concepção científica da história como campo de estudo neutro, que produz verdades absolutas diante de uma missão de recompor o passado. Assim, compreendendo esse fazer como uma *operação historiográfica*, o autor critica o suposto caráter de neutralidade e, mesmo, de estabilidade, que abrangeria desde a produção, a seleção e a organização das fontes, até o resultado final de uma pesquisa. Sua crítica tem como fundamento a ideia de que essa operação sempre resulta da “combinação de um *lugar* social, de *práticas* ‘científicas’ e de uma *escrita*” (Certeau, 1982, p. 65).

Em relação às fontes, parece ser consensual o pressuposto de que as evidências empíricas constituem um elemento básico para o desenvolvimento de qualquer pesquisa científica. No campo mais amplo da História e, mesmo, dentro das especificidades de uma História da Educação Musical, tais evidências remetem-nos diretamente às discussões que envolvem o estatuto e o tratamento dado aos documentos na produção historiográfica. A própria intervenção do pesquisador ao construir um corpo documental, na sua forma de organização e na seleção do que é, por ele, privilegiado ou descartado na análise, já lhe impõe, em certa medida, significados e sentidos históricos. Por outro lado, de acordo com a consagrada afirmação de Le Goff (1992): “O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho e o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados, desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é um monumento.” (Le Goff, 1992, p. 547-548). A própria origem de uma documentação, os fins de sua produção

e mesmo de sua preservação não resultam de operações inócuas e explícitas – o documento não fala por si. Assim, numa perspectiva que se mostrou importante para o desenvolvimento da historiografia desde as primeiras décadas do século XX, os documentos deixaram então de ser tomados, por si, como testemunhos objetivos e provas do real, para serem analisados e problematizados como versões parciais dos acontecimentos, como objetos de instrução e recordação, como construções e montagens, em suma, como *monumentos*. Como nos lembra o historiador argentino Elias Palti (2007), os documentos devem ser compreendidos não apenas a partir daquilo “o que se diz” (conteúdo expresso), mas também se examinando, por exemplo, “quem o diz”, “onde”, “com quem”, “a quem” e “em que circunstância”. Assim, como também nos adverte o historiador italiano Armando Petrucci (2003, p. 8), é preciso impor questões às fontes, interrogando-as e problematizando-as, para que possamos analisá-las.

Essas preocupações de ordem metodológica mostram-se importantes para o desenvolvimento da área de estudos da História da Educação Musical no Brasil. Se a compilação dos documentos e a organização e apresentação de seus conteúdos certamente constitui uma etapa fundamental no trabalho, parece pertinente não se perder de vista que, em termos de uma análise historiográfica, como nos propõe Michel de Certeau (1982), é necessário também tratar esse conjunto procurando problematizar os seus conteúdos ditos e não ditos, tendo sempre como tônica responder às questões centrais de cada pesquisa.

Quanto a esse aspecto, observa-se que, em grande parte dos trabalhos, ao mesmo tempo em que os objetivos aparecem de maneira muito explícita, suas questões de pesquisa, contudo, não são anunciadas claramente. Diante disso, de maneira predominante, as questões a que esses trabalhos deveriam estar procurando responder, somente puderam ser percebidas após um exercício de leitura mais detido. Esse esforço de apreensão, por sua vez, não foi uma tarefa muito simples, justamente por tomar como base os objetivos anunciados em cada texto, o que tornou essa operação de inferência muito frágil e, mesmo, arbitrária. Tal aspecto dificulta bastante as possibilidades de compreender a relevância dos trabalhos, a consistência do desenvolvimento das pesquisas e, especialmente, os seus propósitos específicos para um grupo dedicado à História da Educação Musical.

Essas dificuldades podem ser explicadas, muitas vezes, ao se considerar a recorrência com a qual a História vem sendo utilizada, bem como a forma desses usos, sendo eles, tantas vezes, apenas um recurso subsidiário, introdutório e de contextualização dos objetos de estudo, largamente empregada em trabalhos que não a tem como foco específico de pesquisa. Isso pode ser deduzido, por exemplo, pela significativa quantidade de trabalhos que definem seus objetivos a partir de expressões como “linha do tempo”, “breve perspectiva”, “breve histórico”, “levantamentos” e “histórico” – configurando seis textos, num total de 13, com recortes temporais tão irrestritos que chegam a se estender do século XVIII até os dias atuais. Para além desses recortes amplos, vale destacar, ainda, a ocorrência de uma grande prevalência de estudos centrados nos séculos XX e XXI, apontando um relativo desinteresse pelos séculos precedentes. A partir daí, o que se constata é que muitos trabalhos, apesar de situarem-se em uma temporalidade mais atual, recorrem a períodos históricos muito anteriores com o intuito de verificarem o que denominam como “antecedentes históricos”. Incorrem,

assim, em abordagens totalizantes, e com longas durações temporais, que objetivam abarcar grandes períodos, fragilizando, muitas vezes, com isso, suas análises. Há muito a historiografia já criticou e superou esse tipo de abordagem que aparece, direta ou indiretamente, nos textos apresentados no GT. Porém, vale destacar que há exceções, dentre os trabalhos analisados, que demonstram não apenas estar em contato com as discussões mais recentes sobre as teorias e metodologias da História, mas, sobretudo, operacionalizá-las de maneira condizente com elas próprias.

A identificação dos principais autores e aportes teóricos utilizados foi realizada a partir da leitura dos resumos, dos textos e das referências bibliográficas. É importante destacar-se que muitos dos autores referidos têm uma produção bastante ampla e diversificada. Assim, optamos por classificá-los de acordo com o campo ou a área de estudos nos quais se situam os temas dos trabalhos citados, conforme o quadro abaixo.

História	História da Educação	Educação Musical	História da Educação Musical	História da Música	Sociologia	Etnomusicologia	Musicologia	Teorias dos Currículos
Roger Chartier	José Gondra	Maura Penna	Marisa T. Fonterrada	José R. Tinhorão	Pierre Bourdieu	Paulo C. de Araújo	Allan Merrian	Tomaz T. da Silva
Peter Burke	Alessandra Schueler	Jusamara Souza	Luciane Freitas Garbosa	Augusto de Campos	Norbert Elias			
Jacques Le Goff	Demerval Saviani	Sérgio Figueiredo	Jusamara Souza	Enrico Fubini				
Michel Foucault	Antônio Nóvoa	Vanda Freire	Renato de S. P. Gilioli	Henry Raynor				
Carlo Ginzburg	André Chervel	Keith Swanwick	Arnaldo Contier					
Edward Thompson	Dominique Julia	Murray Schafer						
Reinhart Koselleck	Ivor Goodson							
Jörn Rüsen								

Fonte: Anais do XXII Congresso Nacional da ABEM, 2015

QUADRO 3

Referências utilizadas

A partir dessa sistematização é possível perceber-se, então, que tal conjunto de trabalhos propõe-se a dialogar com uma gama de campos, áreas de estudos e aportes teóricos bastante diversificados e complexos. Chama-nos atenção o fato de a área da História da Educação Musical aparecer ainda com poucas referências próprias, tendo em vista o campo da História e as áreas já consolidadas da História da Educação e da Educação Musical. Curiosamente, observa-se também que os diálogos com a História da Música, com a Etnomusicologia e com a Musicologia parecem pouco intensos, o que se estende também ao campo da Sociologia e à área das Teorias dos Currículos. Contudo, é essencial ter-se em vista que, apesar de ser

identificada uma grande circulação de autores e aportes teóricos, permanece como problema a ideia de que a simples citação deste ou daquele autor, ainda que em trechos consagrados, nem sempre oferece garantias de coerência e consistência com as análises propostas. Essa ressalva parece relevante, pois, como afirma Jusamara Souza, nos últimos anos “os estudos históricos da educação musical ganharam mais atenção dos pesquisadores brasileiros, embora com algumas dificuldades teórico-metodológicas na forma de abordá-los.” (Souza, 2014, p. 111).

Reconhecendo também que essa área de estudos vem conquistando mais atenção entre os pesquisadores, Queiroz (2012) destaca a diversidade territorial, cultural e social brasileira como um fator determinante para o desenvolvimento de novas abordagens e perspectivas. Assim, segundo o autor, “é impossível traçar uma história [total] que abranja as distintas realidades do ensino de música nas escolas de educação básica.” (Queiroz, 2012, p. 25). Partilhando da ideia de que a História deva ser concebida no plural, como Histórias, o autor aponta o crescimento dos estudos sobre Histórias locais como uma tendência importante para se lidar com tal questão.

É interessante observar que os estudos sobre História local abrangeram a maioria dos trabalhos selecionados. Assim, representando sete trabalhos de um total de 13, esses estudos tiveram como recorte espacial o Piauí (um), o Ceará (dois), Brasília (dois), Minas Gerais (um) e São Paulo (dois). Esse é um dado que torna possível reiterar a ideia de que esse tipo de abordagem está se consolidando como uma das novas tendências dentro da área da História da Educação Musical no Brasil, apesar de esses estudos ainda representarem uma parcela pequena, diante da referida amplitude e diversidade do país.

Contudo, compreendendo que, em uma perspectiva metodológica, essa abordagem implica um “jogo de variações de escalas” que, em certo sentido, priorizaria o local ao nacional, podemos ter como contraponto o desafio de não se perder de vista as possibilidades de articulação dessas diversas escalas de análise. Assim, segundo o historiador Jacques Revel (2010), é fundamental “pensar que é em todos os níveis, desde o mais local até o mais global, que os processos sócio-históricos são gravados”. Somente a “multiplicidade desordenada e em parte contraditória”, acessada a partir dessa variação de escalas de análise, pode permitir-nos dar conta da complexidade histórica que permeia as transformações e as disputas no mundo social (Revel, 2010, p. 443) e, no nosso caso específico, levar-nos à própria construção histórica da educação musical no Brasil.

A análise da educação musical nos contextos não escolares chamou-nos também a atenção na condição de uma perspectiva que, talvez, se configure como uma das novas tendências de estudos dentro da área, apesar de ser apresentada apenas em dois trabalhos. Isso permite-nos pensar historicamente sobre outros espaços e dimensões de ensino e de aprendizagem musical, para além das escolas de educação básica, sejam eles privados ou públicos, sistematizados ou não, o que pode incluir, ainda, uma dimensão de análise mais difusa, ao se refletir sobre o papel formativo da música enquanto prática social e, nesse viés, sobre as próprias culturas musicais como pedagogias, parafraseando Tomaz Tadeu da Silva (2004). Contudo, diante desse potencial de análise tão irrestrito, nosso desafio talvez seja

conseguir realizar esses estudos de maneira não fragmentada e desarticulada, priorizando o particular pelo particular, mas, procurando ter sempre, como horizonte, a amplitude de questões e de compromissos socioculturais e políticos que envolvam a música na educação básica e, de maneira geral, a própria História da Educação no Brasil.

Conclusão

De acordo com a análise geral dos textos do GT 1.3, percebe-se que os trabalhos contribuem, de alguma forma, com as inquietações de uma área de pesquisa que ainda precisa muito se autoconhecer e se fazer reconhecida em suas especificidades. Trata-se de um conjunto de textos que apresenta elementos interessantes para se pensar sobre a área da História da Educação Musical, ao tratar dos sujeitos, dos estabelecimentos escolares, da legislação, das práticas musicais como práticas socioeducativas, das fontes e dos acervos de pesquisa, das teorias do currículo, de biografias, da educação formal/não formal/informal, das histórias locais/regionais e, também, da teoria e da metodologia da História. Diante de uma tessitura tão ampla de objetos e temas, identificamos algumas lacunas, questões teórico-metodológicas e questões políticas que se mostram relevantes para a reflexão sobre o desenvolvimento e a consolidação dessa área de pesquisa no Brasil.

Quanto às lacunas, nota-se a ausência de trabalhos que estabeleçam relações com outros países, especialmente, hispano-americanos, e que possam trazer contribuições importantes para os estudos sobre a História da Educação Musical, utilizando escalas de análises mais amplas. Observou-se, também, a escassez de pesquisas cujos recortes temporais incidam, especificamente, sobre outros séculos que não sejam os XX e XXI. Nesse conjunto de textos, chamou-nos ainda atenção a ausência de trabalhos que priorizem como fontes os documentos pessoais e relativos à cultura escrita cotidiana, aos manuais didáticos e à cultura material escolar. Vale destacar, por fim, a inexistência de pesquisas sobre a História da Educação Musical que tenham como sujeito principal os discentes, suas diversas características, interesses e estratégias de ação junto a eles.

No que se refere à fundamentação científica dessa área de estudos, reitera-se a necessidade de aprofundamento geral sobre as teorias e metodologias da História e de maior precisão e adequação quanto ao emprego de conceitos, de termos e de categorias de análise. Nessa perspectiva, um desafio que se coloca como central está no desenvolvimento de pesquisas que não compreendam a História apenas como uma narrativa linear, imprescindível para contextualizar e legitimar, de maneira ampla e irrestrita, quaisquer temas e objetos de estudo. Como um desdobramento dessa cadência, a necessidade de sermos mais precisos na definição dos recortes temporais ganha um acento importante, pois, assim como se tem argumentado que a realização de trabalhos com escalas espaciais mais delimitadas possibilita análises mais apuradas, o mesmo poderá ser pensado como justificativa para o emprego dessas escalas temporais com periodicidades mais curtas. Talvez pudéssemos inferir que a escassez de trabalhos que abordem determinados temas ou períodos temporais venha a ser uma motivação para que pesquisadores não resistam à forte necessidade de abarcar longas

temporalidades no afã de preencher vazios. No entanto, essa é uma hipótese a ser investigada. Destacamos, assim, um conjunto de preocupações teórico-metodológicas que ganham um sentido bastante particular, ao se considerar ainda as próprias especificidades da área da História da Educação Musical no Brasil, diante da precariedade de seus acervos, da dispersão de seus documentos e da trajetória sinuosa de seus estudos.

Afirmamos a certeza da importância de levantamentos e reflexões sobre a produção na área, em diversos periódicos acadêmicos, bancos de dissertações e teses para aquilatar como se encontra atualmente a História da Educação Musical no Brasil para podermos, então, prosseguir, consolidar e avançar em estudos, pesquisas e na construção desse conhecimento específico.

Por fim, em termos políticos, especialmente no atual contexto brasileiro, parece-nos mais do que oportuno evidenciarmos a importância da História da Educação Musical como uma área de estudos que, muito menos preocupada em produzir conjuntos enciclopédicos e inertes de informações sobre o passado, contribua para uma melhor compreensão acerca dos diversos desafios políticos e socioculturais que envolvem as permanências, as transformações e as incertezas no campo da Educação Musical no Brasil.

Referências

- ANAIIS DO CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 22., 2015, Natal, 2015. Disponível em: <<http://abemeducacaomusical.com.br/conferencias/index.php/xxiicongresso/xxiicongresso/schedConf/presentations>>.
- BENEVIDES, Caio. Memórias e esquecimentos da cena musical da cidade de Fortaleza. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 22., 2015, Natal. *Anais ... Natal*: ABEM, 2015.
- CABRAL, Clarice; ABREU, Delmary Vasconcelos de. Professores de música pioneiros na educação musical do Distrito Federal: fontes documentais e análise interpretativa. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 22., 2015, Natal. *Anais ... Natal*: ABEM, 2015.
- CERTEAU, Michel de. A Operação historiográfica. In: *A escrita da História*. Rio de Janeiro, 1982. p. 65-119.
- CHRISPIM, Juliana; ROCHA, Inês de Almeida. Perspectivas historiográficas para análise do currículo. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 22., 2015, Natal. *Anais ... Natal*: ABEM, 2015.
- CUNHA, Daniela Carrijo Franco; GONÇALVES, Lília Neves. A presença do piano na cidade de Uberlândia-MG: um estudo documental sobre as ações pedagógico-musicais no período de 1888-1957. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 22., 2015, Natal. *Anais ... Natal*: ABEM, 2015.
- FERREIRA FILHO, José Walter. A Música como componente curricular nas escolas públicas e privadas do Piauí: História e Memória. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 22., 2015, Natal. *Anais ... Natal*: ABEM, 2015.
- FRANCHINI, Rogéria Tatiane Soares. A prática coral e a educação musical In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 22. 2015, Natal. *Anais ... Natal*: ABEM, 2015.
- GARCIA, Gilberto Vieira. "Consciência histórica" e "Horizontes de expectativas" - Reflexões para uma História da "Educação Musical". In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 22., 2015, Natal. *Anais ... Natal*: ABEM, 2015.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.
- MACEDO, Elke Costa; CUNHA, Juliana Maria da. Professores de música pioneiros na educação musical do Distrito Federal: um levantamento de fontes documentais. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO

BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 22., 2015, Natal. *Anais ... Natal*: ABEM, 2015.

MARTINS, Gabriel Otoni Calhau. Educação Musical e Formação Política no movimento operário: Rio de Janeiro e São Paulo, 1906-1921. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 22., 2015, Natal. *Anais ... Natal*: ABEM, 2015.

NEIVERT, Cássia; WILLE, Blank Regiana. A Influência de Martinho Lutero na Educação Musical. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 22., 2015, Natal. *Anais ... Natal*: ABEM, 2015.

PALTÍ, Elias J. Lugares y no lugares de las ideias em América Latina. In: PALTÍ, Elias J. *El tiempo de la política: el siglo XIX reconsiderado*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2007. p. 259-308.

PARENTE, Felipe Ximenes. Música Cearense: memória e espaço no campo musical. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 22., 2015, Natal. *Anais ... Natal*: ABEM, 2015.

PETRUCCHI, Armando. *La ciencia de la escritura: primera lección de paleografía*. Buenos Aires: FCE, 2003.

QUEIROZ, Luiz Ricardo da Silva. Música na escola – aspectos históricos da legislação nacional e perspectivas atuais a partir da Lei 11.769/2008. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 20, n. 29, p. 23-38, 2012.

REVEL, Jacques. Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. *Revista Brasileira de Educação*, v. 15, n. 45, p. 434-444, set./dez. 2010,.

SANTOS, Frederico Silva. Leopoldo Miguéz: compositor, diretor e educador musical nos primeiros anos da República. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 22., 2015, Natal. *Anais ... Natal*: ABEM, 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu. A cultura como pedagogia e a pedagogia como cultura. In: *Documentos de identidade. Uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p.139-142.

SOUZA, Gabriel Costa de. O Professor de Música: Percursos Até a Lei 11.769/08. In: CONGRESSO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 22., 2015, Natal. *Anais ... Natal*: ABEM, 2015.

SOUZA, Jusamara. Sobre várias histórias da educação musical no Brasil. *Revista da ABEM*, Londrina, v. 22, n. 33, p. 109-120, jul./dez.2014.

XAVIER, Libânia; CARVALHO, Fábio Garcez de. Apontamentos sobre a história da educação configurada no II Encontro do Rio de Janeiro. In: *Apontamentos sobre a história da educação configurada no II Encontro do Rio de Janeiro* (2010). 1ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013, v. 1. p. 102-120.

Recebido em
12/08/2016

Aprovado em
31/12/2016

Inês de Almeida Rocha é Professora de Educação Musical do Colégio Pedro II, membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Música e do Programa de Mestrado Profissional em Ensino das Práticas Musicais, ambos na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Pós-Doutorado na Universidad Valladolid (Espanha), Doutorado em Educação na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com estágio na Universidad de Alcalá de Henares (Espanha), e Mestrado em Música no Conservatório Brasileiro de Música (CBM-CEU). Líder do Grupo de Pesquisa Práticas de Ensino e Aprendizagem em Música (GEPEAMUS) e integrante do Grupo GECULT, coordenado por Luciana Requião. Desenvolve pesquisas nas áreas de Artes e Educação, com ênfase em Música, Educação Musical, História da Educação Musical, História da Educação, História da Cultura Escrita e Musicologia, publicando no Brasil, Portugal e Espanha. É editora, com Ricardo Szpilman, da *Interlúdio*: Revista do Departamento de Educação Musical do Colégio Pedro II. Atua como soprano no Coro Universitario de Alcalá (Espanha) e no Coro de Câmara da Pro-Arte (Brasil).

Gilberto Vieira Garcia é Professor substituto de Didática e Prática de Ensino de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), doutorando em Educação na UFRJ (História, Sujeitos e Processos Educacionais), Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), pós-graduando em Educação Musical no Conservatório Brasileiro de Música (CBM), Graduado em Licenciatura em Música pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e Bacharelado e Licenciatura em História pela UFRJ. Pesquisador do Programa de Estudos e Documentação Educação e Sociedade (PROEDES/UFRJ), coordenado por Sonia Maria de Castro Nogueira Lopes, e dos grupos de pesquisa Processos Educacionais e História da Profissão Docente (UFRJ), coordenado por Libânia Nacif Xavier, e História da Profissão Docente (PUC-Rio), coordenado por Ana Waleska Pollo Campos Mendonça. Membro do grupo de pesquisa Arte e Educação História através da Música. Músico Profissi